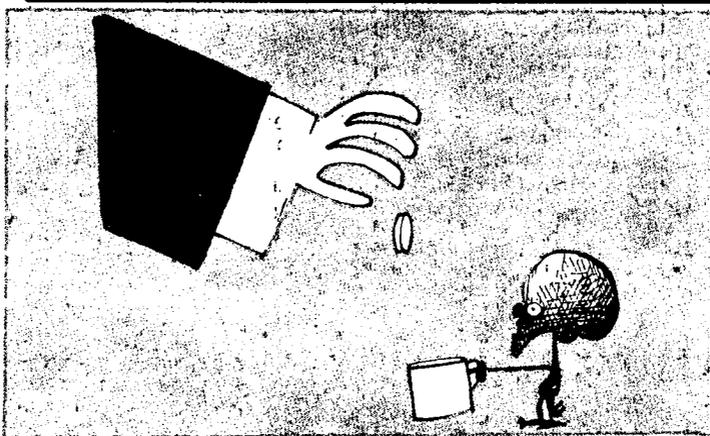


# O jogo da fortuna

23 JUL 1984

*Economia Internacional*

EDISIO GOMES DE MATOS  
Da Editoria de Opinião



Findos os trabalhos e conhecidos os resultados derradeiros do encontro dos sete países mais ricos do mundo, realizado em Londres, não faz ainda um mês, é possível destacar as decepções e as alegrias do meeting, cuja importância ninguém põe em dúvida.

Para encurtar a análise, cifro-me ao comunicado final.

Especialmente ao tópico relacionado com a situação do endividamento, em que se evidencia estarem os participantes cômicos das incertezas, das dificuldades e dos riscos impostos aos países do Terceiro Mundo, por culpa também — e aqui situa-se um pormenor de relevo acolhido pela confraria dos milionários — das nações industrializadas.

Está escrito no comunicado oficial, com todas as letras dos alfabetos das diversas nações presentes ao conclave, que urge auxiliar os países grandemente endividados, levando-se em consideração, nesse SOS, os "problemas políticos e sociais" que cada um exhibe.

Que significa isso?

Quer dizer, pelo menos no meu pobre entendimento, que a crise de dinheiro, de recursos, de meios de vida notoriamente existente nesses países já não pode ser classificada de prioritariamente econômica. Verificar se eles acharão uma porta para escapular da precária situação que atravessam é no presente um ponto que se refere simultaneamente à política, à economia e ao management da dívida internacional.

O melhor exemplo disso é o da Argentina:

O presidente Alfonsín está praticamente afogado num autêntico mare magnum de encargos da espetacular dívida acumulada pelo regime militar. E não tem saída. Já pediu (e conseguiu) até ajuda do Brasil, o que demonstra estar, mesmo, numa pior.

Ora, não pode interessar às nações industrializadas do Ocidente que o governo democrático da Argentina se arrombe na solução dessa questão, pois isto significaria autorizar um novo golpe militar devolvendo os generais ao poder. Por tal motivo, a tentativa de tirar da insolvência a velha república platina, favorecendo-lhe condições para sua recuperação econômica, vai muito além da simples competência de banqueiros e peritos financeiros internacionais.

Além desse particular, que reputo animador para quem, como nós, está sem condições de resgatar títulos há muito vencidos, destaco o fato de que a reunião

dos poderosos marcou mais um ponto ao estimular novas avaliações políticas nesse sentido, demarcando, além disso, o norte verdadeiro a tomar em face dessas coisas. Assim, é indubitável terem os magnatas concentrados na capital britânica — Estados Unidos, França, Alemanha, Japão, Canadá, Inglaterra, e Itália — incentivado o Fundo Monetário Internacional para que siga cumprindo seu relevante papel na política de renegociação das dívidas, fomentando uma colaboração mais estreita entre o FMI e o Banco Mundial, e recomendando, para determinados casos, a ampliação por período de vários anos dos prazos de pagamento dos atrasados, evitando a renegociação de ano para ano.

São esses elementos, entre muitos outros, que se prestam para aprimorar a estratégia de administração da crise. Naturalmente, fica a tormentosa tarefa de con-

vencer os bancos particulares, as autoridades monetárias e os governos a deixarem para ocasião mais propícia a mora devida.

Ao lado, porém, desses aspectos promissores, deve-se destacar os ângulos decepcionantes dos resultados da reunião. Um deles: a situação em que se encontram alguns países da América Latina, por exemplo, não seria tão grave nem tão trágica se o nível de juros, determinado pelos EUA, não mostrasse tendência ascendente no mundo inteiro. Entretanto, o comunicado final de Londres abordou com extrema reserva aquele que é precisamente o ponto de partida da alta dos juros, ou seja, o enorme deficit orçamentário norte-americano.

Isso não quer dizer que em Londres não se houvesse alertado os americanos para sua responsabilidade no jogo da economia mundial. Mas o governo de Washington, ao menos por enquanto, não se mostra disposto a deixar de lado a política que, ao invés de facilitar, está criando mais obstáculos à recuperação econômica dos outros países.

Deram em nada também as perspectivas de uma nova rodada de negociações sobre os embargos comerciais. Não há concordância sobre o protecionismo no comércio internacional. As importações e as exportações sofrem com isso.

No mais, tirando a opinião da Sra. Margaret Thatcher, que exige dos devedores o pagamento dos atrasados, pode-se dizer que o saldo desse encontro é melhor do que se esperava.